

**“CORPO-ESCRITA” NA POÉTICA ESCREVIVENTE DE CONCEIÇÃO
EVARISTO: A LITERATURA COMO ESPAÇO PARA VOZES POR VIR**

**“BODY-WRITTEN IN THE CONCEIÇÃO EVARISTO’S “ESCREVIVENTE”
POETICS: LITERATURE AS A SPACE FOR VOICES TO COME**

Luciana Pimenta¹

Luísa Consentino de Araújo²

RESUMO: Este artigo é um exercício teórico-literário que se dedica à leitura e à escuta da *escrevivência* de Conceição Evaristo em *Poemas da recordação e outros movimentos*. Para tanto, elege uma amostra de quatro poemas com e nos quais pretende destacar os elementos do seu corpo-escrita, a partir de inscrições da memória e traços que se constituem de inúmeras gerações de mulheres negras que falam na voz de sua poética. Inserido no âmbito das pesquisas e discussões do campo de investigação do Direito e Literatura, sob o pano de fundo da perspectiva ético-literário-filosófica da desconstrução, as autoras se lançam a uma atividade leitora, atravessada por vozes que teorizam temas como a literatura, a escrita, o corpo, a memória e a diáspora, dentre outros que circundam, em especial, a autoria feminina negra. O que se pretende, ao final, é um texto aberto a outras vozes leitoras e escre(vi)ventes de uma realidade por vir, sustentando o direito a escrever como um direito ao corpo e à história, individual e coletivamente implicados.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Desconstrução; Escrevivência; Direito e literatura; Autoria feminina negra

ABSTRACT: This article is a theoretical-literary exercise dedicated to reading and listening to the *escrevivência* of Conceição Evaristo, in *Poems da remembrance and other movements*. To do so, it chooses a sample of four poems with and in which it intends to highlight the elements of its body-writing, from memory inscriptions and traces that are constituted by countless generations of black women who speak in the poet's voice. Inserted in the scope of research and discussions in the field of investigation of Law and Literature, under the backdrop of the ethical-literary-philosophical perspective of deconstruction, the authors launch themselves into a reading activity, crossed by voices that theorize themes such as literature, writing, the body, memory, and the diaspora, among others that surround, in particular, black female authorship. What is intended, in the end, is a text open to other reading and

¹ Doutora em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte, MG, Brasil. Mestre em Filosofia Social e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, MG, Brasil. Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, bem como em Direito, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte, MG, Brasil. Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte, MG, Brasil. Colíder do Grupo de Pesquisa Direito e Literatura: um olhar para as questões humanas e sociais a partir da Literatura - LEGENTES, vinculado à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e registrado junto ao CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa Mulheres em Letras (FALE/UFGM – CNPq). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2493631813594136>. E-mail: pereirapimenta@hotmail.com

² Mestranda em Direito e Justiça pela Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, MG. Graduada em Direito pela Universidade Metodista de Piracicaba, em Piracicaba, SP, Brasil. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG/PAPG. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Direito e Literatura: um olhar para as questões humanas e sociais a partir da Literatura - LEGENTES, vinculado à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e registrado junto ao CNPq. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2568690168541243>. E-mail: consentinoluise@gmail.com.

escre(vi)ventes voices of a reality to come, sustaining the right to write as a right to the body and to history, individually and collectively involved.

KEYWORDS: Literature; Deconstruction; Escrivência; Law and Literature; Black female authorship

1 UMA VOZ VINDA DE OUTRO LUGAR OU POR ONDE COMEÇAR?

*“As marcas: traços não daquilo que aconteceu,
mas do que jamais se passou”*
Maurice Blanchot

“Onde é o começo? É alguém ou alguma coisa que começa?” pergunta Blanchot em *Anacruse*, um dos ensaios de *Uma voz vinda de outro lugar*, palavras ali precedidas da afirmação “vou me contentar (palavra de saída inadmissível, pois sugere contentamento) em tentar ouvir o texto de Lyotard intitulado ‘O sobrevivente...’” (Blanchot, 2011, p. 31), as quais tomamos como uma espécie de bússola para o que pretendemos fazer neste texto.

Começar pelo fim, talvez. Ou por onde não se sabe. Onde a voz ainda não alcançou (um contentamento impossível). Uma voz vinda de outro lugar. Começar reconhecendo as vozes na voz do texto. “Texto é o lugar onde o sujeito se inscreve e escreve” (Branco e Brandão, 1995, p. 21). Este texto é um lugar de muitos encontros e inscrições. Vozes mulheres se encontram a outras *Vozes-mulheres*, de várias gerações, em corpos outros que se dão a ler e escrever. Um texto composto de muitas camadas, lançado a ouvir as vozes e os silêncios do corpo-escrita na poética de Conceição Evaristo.

Começar reconhecendo que os traços inscritos nas marcas do texto não são precisamente do que aconteceu, mas do que jamais se passou. Antever que a trilha da memória não é caminho previsível e que o sonho em que se crê (*Cremos*) é, no presente, seu próprio impossível. O mesmo impossível que move a escrita e a literatura: “Escrever. Não posso. Ninguém pode. É preciso dizer: não podemos. E escrevemos. E o desconhecido que carregamos dentro de nós: escrever, é isso que se alcança. É isso ou nada” (Duras, 2021, p. 63).

Começar assumindo uma posição, qual seja, a de fazer de todo texto que revolva a relação entre Direito e Literatura, antes de tudo, um texto sobre o direito de escrever. Um direito que dá corpo e se co-funde à própria literatura, eis que

A literatura não é uma habitação de muitos andares onde cada um escolheria o seu lugar e quem quisesse morar no alto nunca mais teria que usar a escada

de serviço. O escritor não pode lavar as mãos. No momento em que escreve, ela está na literatura e está nela completamente... (Blanchot, 1997, p. 21).

Começar por isso. Começar escrevendo...

1.1 (Re) começar pela escrevivência de Conceição Evaristo

“[...] quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta”
Conceição Evaristo

A escrevivência de Conceição (Evaristo, 2005a, 2005b, 2009, 2010a, 2010b, 2020a, 2020b) se faz pela inscrição-constituição – e não mera descrição – de corpos-memórias-negras. Por essa estratégia político-discursiva de resistência (Pimenta *et.al.*, 2021), a autora performa o direito de significar, proposto por Homi K. Bhabha (1998), reivindicando um lugar no discurso literário que, na historiografia brasileira, foi negado. De modo que as ressonâncias de vozes silenciadas e apagadas por uma cultura que se pretendeu hegemônica se encontram na poética quilombola de Conceição.

Nessa encruzilhada entre a ficção e o “real”, observamos que essa literatura não é mimética, mas sim um portal no “real”, entendido a partir do trauma da *plantation* (Kilomba, 2019) e de sua perpetuação, para o literário, e vice-versa. A literatura é esse espaço-tempo do enfrentamento de uma ferida que resiste à representação, à qual é conferida nova significação (Seligmann-Silva, 2003, p. 382-383), a cada vez que se escreve. Dessa forma, considerando que a leitura e a escrita praticam, a cada vez, a diferença – o que faz da literatura um *locus* de alteridade – a escrevivência não pode ser compreendida sem uma dimensão ética.

Nesse sentido, este texto se propõe a estudar, escutando, a poética de Conceição Evaristo na interlocução entre Direito e Literatura, tomando a literatura como um campo político, ético e estético. Buscamos, por meio das urdiduras do corpo-escrita, pensar as inscrições e traços do corpo-mulher-negra que se deixam ler no texto. Esclarecemos, de início, que o termo “corpo-escrita” nós o buscamos no poema *Inquisição*, um dos quatro poemas de Conceição Evaristo com os quais pretendemos percorrer uma amostra do projeto estético-político de sua escrevivência. Pretendemos, com esse percurso, um texto aberto a outras vozes leitoras e escre(vi)ventes de uma realidade por vir, sustentando o direito a escrever como um direito ao

corpo e à história, individual e coletivamente implicados e, pois, uma solidariedade entre literatura e história, como um compromisso ético da desconstrução.

2 O CORPO-ESCRITA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO QUILOMBO DA ESPERANÇA

“A literatura negra não é feita só de banzo; para isso o samba existe. O corpo esteve escravo, mas houve e sempre há a esperança de quilombo”
Conceição Evaristo

“Todos os caminhos levam ao corpo”, escreveu Assionara Souza. Quando pensamos o corpo no âmbito das humanidades, em especial na literatura, nos referimos à ideia de que todas as leituras passam pelo corpo e todo ato criativo é performado através do corpo e no corpo. Ou, com Jean-Luc Nancy (2000, p. 10-13), o escrever não é “acerca *do* corpo, mas o próprio corpo”, o qual “exige uma escrita”. Em sua complexidade, “o corpo é um campo semiótico, dividido em zonas – a base sobre a qual se desenvolveu e se assenta o discurso simbólico da linguagem” (Kristeva, 1980, apud Seligmann-Silva, 2018, p. 41).

No campo da semiótica, José Lima Junior (2013) propõe a corpoética como um sistema entre si comunicante e que recai sobre a materialidade do signo, quais sejam: (i) corpo, em sua complexidade; (ii) cor, em sua peculiaridade; (iii) pó, em sua historicidade; (iv) ética, em sua possibilidade; e (v) poética, em sua criatividade. Este neologismo é substantivo (modo de se referir ao complexo corpóreo), adjetivo (qualificação da experiência da corporeidade) e é verbo (estética), além de gerúndio (mo[vi]mento de te[n]são).

Ao trazer essa composição ao debate sobre o corpo, a partir de uma concepção racializada e de gênero, entendemos ser possível relacioná-la à *escrevivência* proposta por Conceição Evaristo, observando que a expressão – que também é um neologismo – agrega o ato de escrita à vivência de corpos-negros. *Escrevivência* é corpo, cor, pó, ética e poética; compreende um projeto em que a ética se liga à estética, de maneira a serem indissociáveis.

O corpo, além de signo e plurissignificante, é também político, eis que afeta e é afetado. Nele, todas as vivências se inscrevem, se grafam, geram ecos de outras vozes e outros corpos; há a incorporação social, cultural, histórica e geográfica, de modo que, com Foucault (2015),

nele recai toda a atuação do poder (a exemplo das biopolíticas de morte, em que corpos negros são alvos).

O corpo feminino negro, germinal ao conceito de escrevivência, desde os tempos coloniais foi marcado como corpo-prazer ou corpo-objeto (Evaristo, 2009, p. 23), sob as relações de dominação, as quais ecoam no contemporâneo, embora com outras feições. Esse imaginário, reforçado pelo mito da democracia racial, é o alvo que a escrevivência pretende borrar com as imagens construídas no espaço-tempo da literatura, como se deixa ler em *Meu corpo igual*.

Meu corpo igual

Em memória de Adão Ventura

Na escuridão da noite
meu corpo igual
fere os perigos
adivinha recados
assobios e tantãs.

Na escuridão igual
meu corpo noite
abre vulcânico
a pele étnica
que me reveste.

Na escuridão da noite
meu corpo igual,
boia lágrimas, oceânico,
crivando buscas
cravando sonhos
aquilombando esperanças
na escuridão da noite.

Publicado inicialmente na coletânea *Cadernos Negros 15*, em 1992, o poema confirma uma inscrição política para o corpo negro literário (Arruda, 2018) Essa inscrição se co-funde com o lugar que este corpo assume como corpo-escrita e corpo-letra – o lugar da própria literatura. Em que pese a noite ser frequentemente associada à negritude, em nossa leitura, apoiada em Blanchot, a noite pode ser lida no poema como o espaço-tempo da literatura, com seus jogos de vozes, fantasmaticidades e ressignificações: “Mas quando tudo desapareceu na noite, ‘tudo desapareceu’ aparece. É a outra noite. A noite é o aparecimento do ‘tudo desapareceu’” (Blanchot, 2011, p. 177).

É na noite, pois, que o corpo negro literário desaparece de uma condição para se deslocar a outra, o que pode ser lido como a inversão da posição estereotipada a que foi historicamente submetida ante o soerguimento da mulher que se reconhece no corpo-escrita. É também na noite, no corpo-noite, o corpo-escrita, que irrompe vulcânica a pele étnica que o reveste. O corpo-noite da escrita como espaço de seu encontro com uma outra história.

3 A “SOLIDARIEDADE HISTÓRICA” DA LITERATURA COM A HISTÓRIA: ALFORRIA PELO CORPO-ESCRITA

“para transgredir, é necessário retornar ao corpo”
bell hooks

Em *Essa estranha instituição chamada literatura* (2014), Jacques Derrida, em entrevista a Derek Attridge em 1989, argumenta que em um “traço autobiográfico mínimo, pode estar reunida a maior potencialidade da cultura histórica, teórica, linguística e filosófica”, cuja assinatura é singular e intraduzível. A literatura como instituição histórica que desafia a normatividade, desconstrói posições e relaciona-se à ideia de uma democracia por vir. Nessa herança, a literatura é transgressora quando faz o movimento de resistência e desmontagem do *logos* universalizante (e, portanto, essencialista):

O espaço da literatura não é somente o de uma *ficção instituída*, mas também o de uma *instituição fictícia*, a qual, em princípio, permite dizer tudo. Dizer tudo é, sem dúvida, reunir, por meio da tradução, todas as figuras umas nas outras, totalizar formalizando; mas dizer tudo é também transpor [*franchir*] os interditos. É *liberar-se* [*s'affranchir*] - em todos os campos nos quais a lei pode se impor como lei. A lei da literatura tende, em princípio, a desafiar ou a suspender a lei. Desse modo, ela permite pensar a essência da lei na experiência do “tudo por dizer”. É uma instituição que tende a extrapolar [*déborder*] a instituição (Derrida, 2014, p. 49).

O deslocamento de significados apagados pelo *logos* é o que aproxima a desconstrução (Pimenta, 2016) da escrevivência: “A desconstrução exige uma atitude altamente “historiadora” ou, dito de outro modo, há uma “solidariedade histórica’ da literatura com a história” (Derrida, 2014, p. 82), presente nos deslocamentos e ressignificações engendrados na literatura. A força da oralidade, na literatura negra, por exemplo, embora empreendida na língua que causou o trauma – a língua do colonizador –, é resistência através do *pretuguês* (Gonzalez, 2020) e no uso de termos próprios às culturas africanas e afro-diaspóricas. Assim, no ato de corporificar vivências e memórias negras em um processo de tradução cultural afirmam-se, emancipatoriamente, direitos outros, tais como o direito à fala, à escrita, à memória, à existência (e resistência), enfim, direito ao próprio corpo, em sua composição ética e estética.

Através dessa pó-ética corporal, o corpo negro é inscrito na poesia, performando o direito de significar e de se apresentar como contra narrativa. O corpo, ao se alforriar pela escritura, afirma uma identidade étnica e cultural, recuperando – e inscrevendo – no terreiro da literatura a sua resistência, de forma a conferir significado diferente às cicatrizes e queloides, que se deslocam da condição de marcas da desumanização da escravização (“efígie de brancos brasões”) para o estatuto sacro-simbólico da força de uma ancestralidade.

Inquisição, marcado pela corpoética da escrevivência de Evaristo, traz como dedicatória “o poeta que nos nega”. Nos intertextos de palavras e experiências – ou vivências – que se interseccionam, Grada Kilomba (2015) em *While I Write*, em um movimento semelhante ao de Conceição, faz da escrita um lugar de resistência dos corpos-negros, que deixa de ser um *locus* de outridade, para se reconhecer como o sujeito que se desvencilha da empresa colonial que lhe impõe a máscara do silenciamento. A escrita, como ato político e de descolonização de um “eu” maior que o “eu” do sujeito moderno – um “eu” que é “nós” – se faz como um tecido de traços autobiográficos que se compartilham na invenção da história da mulher negra:

Inquisição

Ao poeta que nos nega

Enquanto a inquisição
interroga
a minha existência,
e nega o negrume
do meu corpo-letra,
da minha escrita,
prossigo.

Assunto não mais
o assunto
dessas vagas e dissentidas
falas.

Prossigo e persigo
outras falas,
aquelas ainda úmidas,
vozes afogadas,
da viagem negreira.

E, apesar
de minha fala hoje
desnudar-se no cálido
e esperançoso sol
de terras brasis, onde nasci.

o gesto de meu corpo-escrita
levanta em suas lembranças
esmaecidas imagens
de um útero primeiro.

Por isso prossigo.
persigo acalentando
nessa escrevivência
não a efígie de brancos brasões.
sim o secular senso de invisíveis
e negros queloides, selo originário,
de um perdido
e sempre reinventado clã

(Evaristo, 2017, p. 105-106).

Sandra Regina Goulart Almeida, ao analisar o corpo e a escrita a partir da construção dos imaginários literários, afirma que a materialidade do corpo feminino é construída no discurso e na cultura, de maneira a ser este corpo, em suas interseccionalidades, um “espaço efetivo de resistência, insubmissão e transgressão³”. Assim, corpo e escrita (com)partilham de inscrições performadas por escritoras femininas que, mais do que ressignificar subjetividades, transgredem estruturas de poder exercidas sobre o corpo feminino (Almeida, 2012, p. 93, 100 e 111). Na escrevivência de Conceição Evaristo, o corpo é o “corpo-escrita” e “corpo-letra”, que marca a indissociável urdidura do corpo e da literatura:

Essa vertente feminina na autoria afro-brasileira não é apenas escrita; é a escrita de um corpo que se afirma como sujeito, que resiste ao *locus* de outridade, à máscara colonial e aos reflexos que essa ecoa no imaginário brasileiro. Uma escrita marcada pelas águas do Atlântico, por um trauma memorizado (*plantation*) e que, a partir da memória, confere novos significados a esse movimento diaspórico que, no contemporâneo, busca uma ética dialógica, decolonial e desvencilhada da empresa colonial, por meio do método de desoutrização (*disothering*), com a emancipação e a resistência pelas quais as cartografias culturais são desconstruídas e os binarismos das estruturas de dominação não mais são perpetuados (Araújo, 2022).

Ninguém se equivoque, pois, em ver na mulher-escritora Conceição Evaristo o sujeito da escritura. “O “sujeito” da escritura é um sistema de relações entre as camadas: o bloco mágico, do psíquico, da sociedade, do mundo” (Derrida, 2009, p. 332), de modo que o corpo-feminino-negro que se afirma como sujeito está concebido numa dimensão ética, envolvido por todas as relações políticas e de poder que o atravessam e constituem.

³ Ressaltamos, por oportuno, bell hooks: “para transgredir, é necessário retornar ao corpo” (hooks, 1994, apud ALMEIDA, 2012, p. 99).

4 VOZES-MULHERES: UM GRITO EM FACE DA DIÁSPORA

“É com uma alegria tão profunda. É uma tal aleluia. Aleluia, grito eu (...) é grito de felicidade diabólica. Porque ninguém me prende mais”
Clarice Lispector

A pedra sempre ocupou um lugar especial na literatura e, de modo especial, na poesia: “em sua singularidade, sua opacidade e em sua própria coisidade, pode ser aproximada da letra.” Pois a letra “[...] tem uma fisionomia, um suporte sensível” (Branco, 2011, p. 33), Em *Vozes-Mulheres* a pedra-letra se encontra com a voz do corpo-escrita da mulher negra que se coloca como herdeira de uma ancestralidade que se quer continuada e viva, na textura do corpo e do sangue, da memória e do desejo.

Ainda que o caminho seja de pedras, e que as pedras permaneçam no caminho, sem que se possa esquecer “desse acontecimento” (Drummond, 2002, p. 267), como “uma fisionomia” do caminho, *Vozes-Mulheres* expressa o gesto de resistência do corpo-voz/corpo-escrita de mulheres negras herdeiras de um “útero primeiro”, do qual foram diasporicamente arrancadas, em gestos de barbárie. Um gesto que coloca em evidência os queloides e a pedra na garganta que uma história logocêntrica tenta abafar, promovendo, no corpo-escrito do poema uma desconstrução da historiografia oficial

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos

com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(Evaristo, 2017, p. 24-25)

Cada um de nós tem seu texto interno, complexo, composto de vozes recentes ou vozes arcaicas, vozes representadas, fantasmáticas. Consciente e/ou inconsciente – escritura produzida por outras leituras/escrituras, por mitos familiares, por vozes que não se distinguem umas das outras, avós, mães ou filhas umas das outras... (Branco e Brandão, 1995). *Vozes-mulheres* é um grito em face da diáspora. Revolve a voz de gerações de mulheres que foram arrancadas não apenas do solo de uma pátria, mas arrancadas de si, de seus próprios corpos e desejos.

Vozes mulheres é o corpo-escrita de cada mulher negra, subalternizado pelo mando dos brancos, abafado e encoberto pelas trouxas das roupagens brancas e pelo caminho empoeirado rumo à favela. Grita, em face da diáspora, não um retorno à África donde foi arrancada a bisavó, cuja voz se ouve dos porões do navio, antes um retorno à voz recolhida das vozes engasgadas nas gargantas. Um grito pela língua materna, “aquela dos afetos e dos prazeres, a que é implícita, secreta, íntima” (Koltai, 2006, p. 362), um grito de (re)torno à vida – um eco da vida-liberdade.

“Sabe-se com a psicanálise que a memória não é capaz de restaurar o vivido, mas que os fios fantasmáticos são a matéria de sua reconstrução arqueológica, quando algo diferente se põe no lugar do que foi” (Branco e Brandão, 1995, p. 149). Nessa dialogicidade está “o trabalho da memória, que sempre tem que retornar o delicado fio da experiência para tecer nossa identidade” (Seligmann-Silva, 2018, p. 213). Em *Vozes-mulheres* a reconstrução das vozes

apagadas põe em cena, no lugar do silêncio, o eco da vida-liberdade. O ontem, o hoje, e o agora se encontram no corpo-escrita que desloca a violência do silenciamento ao canto da vitória.

6 DA MILENÁRIA LETRA À GRAFIA POR VIR: A PROMESSA DA LITERATURA

“A outra noite é sempre o outro, e aquele que o ouve torna-se outro”
Maurice Blanchot

Edouard Glissant, poeta e teórico martinicano, defende que, na busca identitária, seja do sujeito, seja de uma comunidade (entendemos que só se pode pensar rigorosamente o sujeito excedendo o que pretendeu ser uma cisão entre sujeito e a dimensão política que o constitui, na modernidade), a literatura desempenha dois papéis fundamentais: a função de dessacralização, relacionada à desmontagem de um dado sistema (que nós reconhecemos como uma operação desconstrutora), e a função de sacralização, que consiste no movimento de união de uma comunidade em torno de seus mitos, seu imaginário, para reconstruir laços com o passado e, ao mesmo tempo, projetar-se para o futuro (Glissant, ano 1981, apud Agustoni 2013, p. 79). Num certo sentido, assim lemos o poema de Evaristo – *Cremos* – que inscreve no imaginário dos corpos-negros a crença e esperança de um futuro marcado por uma nova grafia.

Cremos

Ao poeta Nei Lopes pelo poema “História para ninar Cassul-Buanga”

Cremos.
Quando as muralhas
desfizeram-se
com a mesma leveza
de nuvens algodoais,
os nossos mais velhos
vindos do fundo
dos tempos
sorrirão em paz.

Cremos.
O anunciado milagre
estará amanhecendo.
E na escritura grafada
da pré-anúnciação
de um novo tempo,
novos parágrafos
se abrirão.

Cremos.
Na autoria
desta nova história

E neste novo registro
a milenária letra
se fundirá à nova
grafia dos mais jovens.

O grafo do poema se sabe escritura. “Escritura grafada da pré-anunciação de um novo tempo”. O corpo-escrita é seu por vir. Nele serão acolhidos os parágrafos que se abrirão – um gesto de hospitalidade da própria literatura à escrita que vem. Não do autor, mas do texto, ele mesmo, que segue sendo tecido a muitas vozes e mãos. As marcas, lembra Blanchot, são “traços não daquilo que aconteceu, mas do que jamais se passou”. Por isso a escrita é, ao mesmo tempo, lugar de luta e luto. A palavra tanto grita o aleluia na brotação de uma nova vida quanto vela o que morre, para que a vi(n)da do outro. *Cremos*.

Voltemos, pois, ao começo. Onde a voz se lançava ao que não se sabe. E não sabe. Não houve um fim. Não há. O que existe é esse desejo-crença de que as muralhas se desfaçam – *Cremos* – para a autoria de uma nova história. Um espaço-tempo por vir, que segue acontecendo na e pela literatura *afrodescendente*, uma literatura de *corpos-negros* ou, ainda mais especificamente, no caso da escrevivência de Conceição Evaristo, uma literatura de *autoria feminina negra*, categorias conceituais que, talvez, deixem de fazer sentido quando a “milenária letra” se fundir “à nova grafia dos mais jovens”

A palavra **fim** é, por certo, uma palavra sem fim. Nela não se encerra o sentido de exaurimento, tampouco se comporta o *telos* dos gregos, onde se enraízam as noções de propósito e finalidade. Até porque palavras não são signos a serem preenchidos por significados previamente dados. Palavras se dizem disseminadas em textos, inclusive pr’além dos contextos, vez que um signo escrito sempre “comporta uma força de ruptura com o seu contexto, quer dizer, o conjunto das presenças que organizam o momento da sua inscrição”. (Derrida, 1972, p. 413) Todo contexto se abre, pois, em face d’outro contexto, feito rostos que se interpenetram diante de olhares se atravessam. (Pimenta, 2018, p. 16)

Assim, o sentido que damos ao por vir está aquém e além do futuro. Ele se refere à abertura da própria escrita, à porosidade da letra, à possibilidade, sempre outra, de que um novo texto seja escrito, a cada leitura. O por vir que se relaciona “à experiência de uma promessa empenhada, que é sempre uma promessa sem fim” (Derrida, 2014, p. 54). Qual promessa, perguntarão? A promessa da literatura que, a um só tempo, a promessa da desconstrução. Uma promessa que, pensamos nós, estará sempre nesse compromisso com a (re)invenção do mundo, uma (re)invenção que apaga, pois, a pretensa linha divisória entre real e ficcional, porque o mundo, este mundo, é o que se torna *outro* quando escuta “uma voz vinda de outro lugar”.

Cremos: eis um ato poético de con-fiança (ato de fiar/tecer/tramar em conjunto) na promessa da escrita.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart . Corpo e escrita: imaginários literários. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 92–111, 2012.

ANICETO, Patrícia de Paula; NOGUEIRA, Nicea Helena de Almeida. O corpo e o poder nas poesias de Conceição Evaristo e de Elisa Lucinda. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 12, n. 2, p. 1–314, jun.-dez., 2020.

ARAÚJO, Luísa Consentino de. Nas “águas-lembranças” de Conceição Evaristo: ressonâncias, atravessamentos e formação discursiva afro-brasileira. In: PIMENTA, Luciana; BENTES, Hilda (Org.). *LEGENTES: desconstrução e caminhos outros para ler em Direito e Literatura*. São Paulo: Dialética, 2022. No prelo.

AGUSTONI, Prisca. *O Atlântico em movimento: signos da diáspora africana na poesia contemporânea de língua portuguesa*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

ARRUDA, Aline Alves. Corpo e erotismo nos contos de Olhos D'Água. In: DUARTE, Constância Lima. CORTÊS, Cristiane e PEREIRA, Maria do Rosário A. (Org.). *Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Ideia, 2018, p. 239-246.

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a.

BLANCHOT, Maurice. *Uma voz vinda de outro lugar*. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRANCO, Lúcia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. *Literaterras: as bordas do corpo literário*. São Paulo: ANNABLUME, 1985. (Coleção E; 4).

BRANCO, Lúcia Castello. *Chão de letras: As literaturas e a experiência da escrita*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DERRIDA, Jacques. *O Monolinguismo do Outro ou a prótese de origem*. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ANDRADE, Carlos Drummond de. No meio do caminho. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 51. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Org.). *Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Ideia, 2018

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Tradução: Luciene Guimarães de Oliveira. Belo Horizonte, Relicário, 2021.

EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, n. 1, p. 52-57, ago. 2005a.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza M. de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Idéia/Editora Universitária – UFPB, 2005b.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, jul.-dez. 2009.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010a.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Escritoras mineiras: poesia, ficção, memória*. Belo Horizonte: FELE/UFMG, 2010b.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KILOMBA, Grada. *While I Write*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w>. Acesso em: 14 ago. 2021.

KOLTAI, Caterina. A língua exilada. In: COSTA, Ana. RINALDI, Doris (Org.) *Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia de Freud. Instituto de Psicologia, 2007. p. 361-369.

LIMA JUNIOR, José. *Corpoética: um passeio pela palavra*. Campinas: Texto e Textura, 2013.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Org. e prefácio de Pedro Karp Vasquez. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, n. 26, p. 63-81, jun. 2003.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Corpo de Romances de Autoras Negras Brasileiras (1859-2006): Posse da História e Colonialidade Nacional Confrontada*. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Tradução Tomás Mata Lisboa: Vega, 2000.

PIMENTA, Luciana. O fim da literatura feminina. *Revista Mulheres em Letras*, Belo Horizonte, a. 8, n. 15, p. 14-17, 2018.

PIMENTA, Luciana. O narrador-personagem e a dedicatória em “A hora da estrela”: deslocamentos possíveis para a decisão jurídica. In: IV CIDIL - CENSURA, DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS, 2016, Vitória. *Anais do IV Colóquio Internacional de Direito e Literatura*. Porto Alegre: Anais do CIDIL, 2016. v. 2, p. 676-698.

PIMENTA, Luciana; ARAÚJO, Luísa Consentino de; RODRIGUES, Maria Luiza Simplicio; CÂMARA, Yanca Abreu. A escrevivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência: uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em “Olhos d’água”. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 56, n. 2, p. 251-261, maio-ago. 2021.

PIMENTA, Luciana. *Diálogos Territoriais / A voz de nossos corpos: escrituras e territórios*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IyRI_BM2dHw&list=LL&index=1&t=3050s. Acesso em: 25 set. 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 371-385.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Para uma nova crítica da razão colonial. *In*: OLIVEIRA, Antonio Leal; RIBEIRO, Marcia; DEL REY, Laura (Coord.). *Cajubi*: ruptura e reencanto. São Paulo: Incompleta; Festival Cajubi, 2021.

SOUZA, Assionara. *Nem isso* [Assionara Souza]. Disponível em: <https://www.facebook.com/assionarasouza/posts/421840842060943>. Acesso em: 29 set. 2021.